

Políticas Públicas de Cultura, Mobilização Comunitária e Práticas de Comunicação nas Culturas Populares¹

Mariana Ferreira REIS²

Maria Salett TAUKE SANTOS³

Universidade Federal Rural de Pernambuco, PE

RESUMO

O presente artigo busca discorrer sobre práticas cruzadas das políticas públicas de comunicação e cultura, abordando, especificamente, experiências midiáticas desenvolvidas a partir de processos de mobilização comunitária. Num primeiro momento, é feita uma contextualização a respeito dos conceitos de comunicação para mobilização e das políticas públicas na contemporaneidade. Em seguida, refletimos sobre as produções desenvolvidas a partir de iniciativas de políticas públicas, especialmente, por meio da ação Pontos de Cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação. Culturas populares. Políticas públicas. Mobilização Comunitária.

Cultura, comunicação e desenvolvimento nas políticas públicas: aproximações

O artigo tenciona analisar o Ponto de Cultura Cabras de Lampião, localizado no Sertão do Pajeú – PE, em relação às estratégias de comunicação para mobilização comunitária desenvolvidas pelo grupo cultural. Como metodologia de pesquisa, trazemos aproximações entre as teorias de Políticas Públicas de Cultura e Mobilização Comunitária, detendo-nos à proposta dos Pontos de Cultura.

A amostra da pesquisa foi intencional e foram entrevistadas 14 pessoas, sendo sete participantes efetivos do Ponto de Cultura Cabras de Lampião, dois gestores do Ponto de Cultura analisado e cinco parceiros da entidade. Para a análise dos dados coletados e, mais especificamente, das informações obtidas a partir das entrevistas, utilizamos como metodologia a análise de conteúdo, a partir de Bardin (1971).

O itinerário das políticas públicas de inclusão social no Brasil apresenta pelo menos três momentos históricos distintos, cada qual com características peculiares: o primeiro, no período da ditadura militar, nos anos 1960; o segundo, por ocasião da pós-democratização,

¹ Trabalho apresentado ao GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista. Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: umamarireis@gmail.com.

³ Doutora em Comunicação pela USP. Professora do Programa de Pós-graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: mstauk@terra.com.br

a partir do final dos anos 1980; e o último, do neoliberalismo dos anos 1990 e início dos anos 2000. (CALLOU; TAUK SANTOS, 2008).

As políticas de inclusão social e cultural no Brasil a partir da década de 1980 passam por dupla tensão. Por um lado, as políticas de bem-estar social, pelo caráter paternalista, fortaleceriam o Estado e enfraqueceriam a sociedade civil, além de fragmentarem o social pela ampliação do acesso ao consumo.

Em relação à cultura, as políticas públicas no Brasil contemporâneo trazem em suas diretrizes princípios e procedimentos que apontam não só para o acesso aos bens culturais como também ao direito da participação cidadã na construção da democracia cultural (TAUK SANTOS, 2009, p. 84-85).

O Plano Nacional de Cultura (PNC), em tramitação no Congresso Nacional, entende que é papel do poder público incentivar, proteger e valorizar a cultura nacional, determinando garantias para que a política vise a um desenvolvimento cultural inclusivo e participativo. A criação do Programa Cultura Viva, em 2004, coincide com essa concepção de política pública, pois surge para estimular e fortalecer nacionalmente uma rede de criação e gestão cultural, tendo como base os Pontos de Cultura selecionados por meio de editais públicos. Entre os objetivos do programa estão ampliar e garantir acesso aos meios de fruição, produção e difusão cultural e identificar parceiros e promover pactos com atores sociais governamentais e não-governamentais, nacionais e estrangeiros, visando um desenvolvimento humano sustentável, no qual a cultura seja forma de construção e expressão da identidade nacional (BRASIL, 2010).

O intuito dos Pontos de Cultura está em preservar memórias e histórias, além de estimular ações voltadas para a cultura de raiz e para o fortalecimento das manifestações populares dentro dos seus territórios de origem (FUNDARPE, 2010).

Em 2008, o Programa Cultura Viva mudou sua sistemática para descentralizar a implantação dos Pontos de Cultura, reforçando objetivos e metas do Programa Mais Cultura. Essa mudança, estabelecendo redes em parceria com estados e municípios, contribui para a institucionalização e consolidação dos programas Mais Cultura e Cultura Viva como políticas públicas, uma vez que instaura o apoio aos Pontos de Cultura a partir de um vínculo firmado com outros entes federados (BRASIL, 2011).

O Governo de Pernambuco (gestão 2007-2010) e a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe), responsável pela gestão cultural do Estado, possuem uma política cultural colaborativa junto ao MinC e, nos últimos anos, tem realizado articulações estratégicas com o Ministério, como a estadualização do edital de Pontos de

Cultura, ação que descentraliza a política pública de cultura. Pernambuco integra a iniciativa desde 2005 e, até 2010, conta com o número de 166 Pontos de Cultura espalhados nas 12 regiões de desenvolvimento do Estado.

Desde o início do Programa Cultura Viva, foi criada em Pernambuco a Rede de Pontos de Cultura (Rede.PE), com reuniões periódicas e representação de pelo menos um participante de cada Ponto de Cultura durante os encontros. Em linhas gerais, a Rede.PE se reúne para decidir encaminhamentos referentes à Comissão Nacional de Pontos de Cultura e participação dos grupos culturais na Teia Estadual e Nacional.

A Teia Brasil – assim denominada por já trazer em sua concepção uma prática de trabalho coletivo, interligado – reúne, anualmente, representantes de todos os Pontos de Cultura para divulgar suas ações, por intermédio de apresentações culturais e debates temáticos em grupos de trabalho, e também discutir a política pública de cultura, a partir do Encontro Nacional dos Pontos de Cultura, com a participação também de gestores públicos e representantes do Ministério da Cultura. Desde 2008, com a estadualização dos editais, também é realizada uma Teia Estadual, para se discutir questões da esfera local. No entanto, o encontro não tem uma periodicidade definida.

Ao tratar da mobilização social como forma de construir a democracia e a participação, Toro e Werneck (2004) definem mobilização social como processos de reunião de grupos populares com objetivos em comum, com dedicação contínua e resultados cotidianos. Deste modo, o conceito de mobilização social vai muito além das manifestações públicas e passeatas, comumente associadas ao termo.

Sobre os desafios da mobilização, Toro (1996, 1997) citado por Rabelo (2002, p. 97), explica que mobilizar significa convocar vontades para atuar na busca de um propósito, com interpretações e sentidos compartilhados. Assim, “participar ou não de uma mobilização é uma escolha, uma decisão individual que depende, essencialmente, das pessoas se verem ou não responsáveis e capazes de produzir e construir mudanças” (RABELO, 2002).

As teorias da comunicação abordam a mobilização e a participação sob o referencial teórico latino-americano na perspectiva dos movimentos sociais e, mais especificamente, de contextos rurais, a partir dos anos 1970 e 1980, com autores como Freire, Beltrán, Kaplún e Bordenave. Posteriormente, por volta dos anos 1990, ambos os conceitos se aproximam novamente, dessa vez, por meio de teóricos como Martín-Barbero e Canclini, que trabalham a própria cultura como um processo comunicativo. A comunicação passa a ser percebida *a partir do lugar* das culturas populares (MARTIN-BARBERO, 2005; CANCLINI,

2008).

A partir de *Extensão ou Comunicação?*, de Paulo Freire, foi possível pensar em novas possibilidades de se trabalhar a comunicação de um modo mais participativo, a partir de uma alternativa dialógica, de verdadeira troca, em que a mesma não é feita de forma verticalizada, mas numa relação bidirecional em que experiências são trocadas e aprendizados, divididos. Assim, Freire propõe que, em vez de extensão, seja usado o termo comunicação, preferindo o diálogo entre as várias partes envolvidas no processo, a comunicação como um caminho educativo (FREIRE, 1971).

Tauk Santos, em estudo de comunicação para o desenvolvimento, constatou que a questão da participação popular no desenvolvimento não depende apenas do diálogo. O trabalho da autora demonstrou que, embora a participação dialógica, de trocas, horizontal, seja importante, ela também está associada às aspirações de consumo das populações de contextos populares, em um movimento ambivalente em que se nega o consumo na realidade do cotidiano de suas vidas, mas se afirma o mesmo nas suas aspirações para o futuro (TAUK SANTOS, 1994).

No rastro dos Cabras de Lampião: as culturas populares no Sertão do Pajeú

O município de Serra Talhada fica localizado na macrorregião do Sertão de Pernambuco e na microrregião do Sertão de Pajeú, distante 375 km da capital do Estado, Recife. Limita-se ao Norte com o Estado da Paraíba, ao sul com Floresta e parte de Betânia, a leste com Calumbi, parte de Betânia e Santa Cruz da Baixa Verde e a oeste com São José do Belmonte e Mirandiba, todos esses municípios pernambucanos. A sede do município, localizada na serra, fica numa altitude de cerca de 430m (SERRA TALHADA, 2011).

De acordo com o Censo Demográfico do IBGE de 2010, a população total do município é de 79.241 de habitantes. Seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0.682, segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), em 2000, ou seja, é considerado de desenvolvimento humano médio (SERRA TALHADA, 2011).

Segundo o PNUD, um país com IDH de 0,499 é considerado de desenvolvimento humano baixo; com índices entre 0,500 e 0,799 são considerados de desenvolvimento humano médio; e com índices maiores que 0,800 são considerados de desenvolvimento humano alto. Entretanto, o IDH não é considerado uma fonte confiável para medir o

desenvolvimento de menores localidades, pois, neste caso, outros fatores devem ser observados (PNUD, 2011).

Serra Talhada surgiu em 1851 a partir de um desmembramento do município de Flores e recebeu o nome de Vila Bela, passando a se chamar Serra Talhada em 1938. Conhecida como capital do xaxado e terra do cangaço, é berço do cangaceiro Lampião e outros pernambucanos famosos, como o ex-governador de Pernambuco Agamenon Magalhães, o ator Arnoud Rodrigues e o maestro de renome internacional Moacir Santos (SERRA TALHADA, 2011).

De acordo com a Prefeitura de Serra Talhada, atualmente, fazem parte do território municipal 08 distritos: Serra Talhada (sede), Bernardo Vieira, Caiçarina da Penha, Luanda (Água Branca), Tauapiranga, Santa Rita, Varzinha e Logradouro. Ainda de acordo com os dados da prefeitura, Serra Talhada hoje se destaca como quarto pólo médico do estado, maior pólo educacional – com campus da Universidade Federal Rural de Pernambuco – e maior pólo comercial e de serviços do sertão do Pajeú, sendo assim o maior pólo de desenvolvimento de toda a região (SERRA TALHADA, 2011).

O município conta com um museu da cidade, instalado na Fundação Casa da Cultura de Serra Talhada; Museu do Cangaço, administrado pelo Ponto de Cultura Cabras de Lampião; Estação Ferroviária, que abriga eventos culturais como os festejos juninos e as Igrejas de Nossa Senhora da Penha, padroeira do município e Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, construída por escravos há mais de dois séculos. Entre as festividades mais importantes estão o *Encontro Nordestino de Xaxado*, em maio, o *Tributo a Virgulino / Festa de Lampião* e o *ExpoSerra*, ambos em julho, sendo que os dois primeiros são organizados pelo Ponto de Cultura Cabras de Lampião (SERRA TALHADA, 2011).

Em relação à cultura local, destacam-se o xaxado e o cangaço, estando ambos intrinsecamente ligados. De acordo com o site da Fundação Casa da Cultura de Serra Talhada:

No início do século XX, mais precisamente nos anos 1920, o cangaço era uma realidade nos sertões nordestinos. Jovens agricultores, revoltados com a tirania exercida pelos coronéis e outros tantos por motivo de vingança e brigas familiares passaram a engrossar as fileiras do cangaço, e levavam com eles os costumes do seu dia-a-dia na roça, entre eles o xaxado, uma dança que imita o limpar do feijão de *arranca*³ e que era muito praticado quando da sua colheita, onde era colocado para secar nos terreiros das casas da fazenda. Segundo contam os antigos moradores, o costume de limpar (ou *xaxar*) o feijão reunia as famílias e os amigos também para a comemoração das safras.

Ao som da sanfona, os grupos cantavam loas enquanto debulhavam o feijão. Nas brenhas da caatinga, quando não estavam combatendo com a polícia, os cangaceiros se reuniam em volta da fogueira e faziam ressurgir os costumes de sua terra. Dançavam arrastando os pés

no chão de terra batida, levantando O site da Fundação permite aos visitantes um passeio virtual no museu. poeira, e entoavam versos, na maioria das vezes contando feitos de seus companheiros ou falando mal dos inimigos (SERRA TALHADA, 2011).

Ainda de acordo com as informações do município, alguns historiadores informam que tal costume dos cangaceiros teve início nas ribeiras do Rio Pajeú, mais precisamente no município de Serra Talhada, embalado pelo bando de Lampião, ganhando força e se difundindo no país inteiro. A cidade e é onde mais se pratica a dança em todo território nacional e atualmente totaliza seis grupos de dança típica: *Cabras de Lampião*, *Maria Bonita*, *Cangaceiros do Pajeú*, *Cangaceiros de Vila Bella*, *Raízes do Cangaço* e *Manoel Martins*. Desde 2009, a dança é considerada patrimônio cultural imaterial de Pernambuco, pela Lei Estadual nº 13.776, de 27 de maio de 2009.

É no Sítio Passagem das Pedras, no meio rural de Serra Talhada, onde se registra o nascimento do Rei do Cangaço, Lampião, em 1897. Não por acaso, este lugar foi escolhido para ser a primeira sede do Ponto de Cultura Artes do Cangaço, da Fundação Cabras de Lampião, a 45 km de distância da sede do município. Hoje, por uma questão de acessibilidade, a sede fica localizada no centro, onde funciona o Museu do Cangaço.

A casa no sítio, preservada nos moldes da infância do cangaceiro mais famoso do Brasil, encontra-se aberta à visitação, mediante agendamento prévio. Em geral, é mais visitada a partir do Programa de Passeio Turístico Ecológico *Nas Pegadas de Lampião*, que percorre as rotas do cangaço na caatinga.

Laurentino (2011, p. 38), ao citar Michel de Certeau (2009, p. 184), faz uma distinção entre espaço e lugar, compreendendo o último como *locus* físico, delimitação, demarcação estável, e o primeiro, como local de vivência das práticas.

Nessa mesma interpretação podemos distinguir o Ponto de Cultura Cabras de Lampião como *espaço* e como *lugar*. Como lugares físicos ele está lá, na casa onde Lampião nasceu, no sítio, antiga sede, e na estação ferroviária, onde fica instalado o Museu do Cangaço, com todo o seu acervo, e onde também acontecem as aulas das oficinas de dança e os ensaios do grupo de xaxado.

Como espaço de vivências e de experiências, o Ponto de Cultura ocupa outras localidades, tanto em redes imateriais – a partir das ferramentas de comunicação, que detalharemos mais adiante – como materiais, a partir das diversas articulações e parcerias, tanto locais, quanto fora do município e do Estado. Ainda ocupa as caatingas, na rota turística; as praças e as ruas de Serra Talhada, a partir da realização de seus eventos, mostras e festivais; o meio rural do município, com projetos, e marca presença em outros municípios da região, como

Triunfo, onde participa de atividades em parceria com o SESC Triunfo e prefeitura municipal.

Seu rastro, por assim dizer, está em toda parte, pois tudo em Serra Talhada remete a Lampião, do nome de pousadas, bares e restaurantes até o lema utilizado pela prefeitura, que identifica o município como Capital do Xaxado. E, segundo relato dos entrevistados – tanto parceiros quanto autoridades públicas e participantes do grupo – esse movimento de referência teve início com o trabalho da fundação.

É na perspectiva da preservação da história do cangaço que a fundação trabalha, especialmente em três linhas: museu, escola de dança (com oficinas para crianças e adolescentes da comunidade) e o grupo de xaxado Cabras de Lampião, que foi onde tudo começou. Seriam essas as artes do cangaço que identificam o projeto. Oficinas de artesanato em pedra, em parceria com artesãos locais, também foram oferecidas, num primeiro momento. A parceria, depois, materializou-se com a Lojinha de Artesanato do Museu, da qual falaremos mais adiante. O nome *Artes do Cangaço*, no entanto, “não vingou” e convencionou-se chamar o ponto pelo mesmo nome da fundação.

A Fundação Cabras de Lampião criou e administra, desde 2001, o Museu do Cangaço e Centro de Estudos e Pesquisa do Cangaço (Cepec), fundou e mantém a Escola de Danças Cabras de Lampião e é responsável pelo grupo de xaxado homônimo. Só depois veio o Ponto de Cultura. A partir de um remanejamento do primeiro e único edital nacional dos pontos de cultura, a entidade foi contemplada em 2007, através do Projeto Artes do Cangaço, vinculada diretamente ao Ministério da Cultura/Governo Federal, e pode-se dizer que desenvolve um trabalho singular de pesquisa e difusão da trajetória de Virgulino Ferreira, o Lampião, e das manifestações culturais do lugar, como o xaxado, desde 1995 (REIS; SANTANA, 2010).

No Xaxado Cabras de Lampião, são 22 pessoas fixas na equipe, jovens adultos com média de idade de 20 a 30 anos. Além dos dançarinos – cuja coreografia e indumentária é fruto da pesquisa do próprio grupo, com roupas confeccionadas por costureiras locais – um trio de forró pé-de-serra e uma cantora tocam, cantam e interpretam nas apresentações ao vivo, participando diretamente dos espetáculos de dança. A atual cantora do grupo, por sinal, já interpretou a Maria Bonita – mulher de Lampião – no primeiro elenco do grupo.

Desse número, sete pessoas compõem a equipe fixa que trabalha diretamente no Ponto de Cultura, seja como professores das oficinas de dança, seja como guias do museu – todas integrantes, originalmente, do grupo de xaxado Cabras de Lampião. De acordo com os gestores e com alguns dos entrevistados, todos esses participantes se sentem aptos a dar

aulas de dança, inclusive participando de intercâmbios em outros pontos de cultura e oficinas da prefeitura. Já para auxiliar um grupo de visitantes no museu, é preciso passar por uma capacitação específica. Assim, a dinâmica é de três professores nas oficinas e quatro guias no museu, que funciona pela manhã e à tarde.

Pernambuco dançando xaxado: o Ponto de Cultura articulado em redes

Em relação às experiências em comunicação desenvolvidas pelo grupo, vale destacar que o próprio Ponto de Cultura produz materiais de comunicação especialmente na Web, como o site da entidade, o blog, o Orkut, o Facebook e o Twitter do Ponto de Cultura e vídeos com registros de suas apresentações, disponibilizados no site Youtube. O grupo registra no seu blog, por texto e fotos, todas as notícias sobre eventos, prêmios, participações nas diversas mídias, participações políticas (como mudanças nos conselhos gestores das associações das quais fazem parte) e visitas de personalidades ao Museu do Cangaço (como dos cantores Silvério Pessoa e Daniela Mercury).

Para se ter uma idéia dessa convergência de mídias (CANCLINI, 2007), ao se digitar as palavras-chave *cabras, lampião, serra talhada*, no site de pesquisas Google, aparecem mais de 14 mil ocorrências relacionadas ao grupo, entre vídeos de xaxado, notícias sobre o cangaço nas quais serviram de fonte jornalística, eventos promovidos pelo Ponto ou dos quais participaram, sendo as maiores ocorrências oriundas de sites da prefeitura/fundação de cultura, blogs políticos da região do Pajeú, sites do MinC e da Fundarpe e Portal Pernambuco Nação Cultural.

Assim, realizam um trabalho experimental em comunicação que em muito se aproxima ao que Peruzzo (2002; 2009) inferiu a respeito da comunicação comunitária nos moldes contemporâneos, articulando-se em redes virtuais de sociabilidade, como pontuado adiante pelo entrevistado 10:

A gente mantém contato por telefone, internet, é... e sem falar na amizade que a gente faz. Então fica aquele intercâmbio é... e passa noções, por exemplo, eles não... se for um grupo de xaxado, eles... a gente faz um passo, eles não sabem, então já passa, se eles souber, por exemplo, se for outro grupo de coco e ciranda e a gente não souber, eles já passa. Então fica esse intercâmbio, esse troca-troca, sempre vem alguém de outro grupo, como vem... como, sempre... sempre, sempre a gente tem aulas de oficinas de danças, que são de outros grupos, como a gente também vai dar oficinas de danças em outras cidades, então, assim, pra grupos, então fica o intercâmbio (ENTREVISTADO 10).

E ele prossegue, destacando o uso das redes sociais na Internet:

O grupo tem um Orkut e tem o site, e tem o blog. (...) Lá tem vídeo, fotos, é... um pouco da história da origem do xaxado... tem nossa agenda, como surgiu o xaxado, quando foi que foi surgido os Cabras de Lampião, então tudo que você quer saber... tem tudo. O que acontecer sobre projetos aprovados, projetos que a gente fez, então a gente sempre tá mostrando ao público da internet que também admiram grupos de dança (ENTREVISTADO 10).

Entretanto, o que se observou durante as entrevistas foi que a maioria desses contatos virtuais é com pessoas de fora da comunidade, especialmente, distantes geograficamente da região do Pajeú e principalmente, de fora de Pernambuco. São contatos da mídia, de pesquisadores, de grupos de dança e de interessados na cultura sertaneja e do cangaço em geral, que buscam o Ponto de Cultura e são prontamente atendidos, seja por e-mail, telefone ou redes sociais.

Mas de acordo com os entrevistados, são contatos escassos, difusos, e muitas vezes não relacionados entre si. Assim, embora o ponto de cultura consiga mobilizar e articular esses diversos públicos, poucas vezes são gerados vínculos de longo prazo, o que corrobora a teoria de Castells (2000) sobre a geração de laços fracos a partir das redes imateriais da sociedade atual.

No quesito mobilização e articulação com as comunidades, o trabalho dos Cabras de Lampião acontece a partir da visita a escolas, divulgação em meios de comunicação, como rádios locais, e mesmo divulgação boca a boca. As redes sociais e outros veículos, como imprensa escrita e televisionada, também são procurados na divulgação de seus eventos, mas em menor escala.

A comunidade participa assistindo aos espetáculos, acessando Internet a partir do telecentro. Os depoimentos dos participantes do xaxado Cabras de Lampião deixam claro que compreendem bem os objetivos de um Ponto de Cultura, ao justificarem a necessidade dessa interação com a comunidade, com a participação da família e *envolvimento de bairros, comunidades e toda a cidade*, num trabalho que permite o crescimento do município. Assim, apontam, ainda, para indícios da construção do desenvolvimento local, partindo da mobilização comunitária.

Essa articulação entre as comunidades favorece, ainda, a formação de redes locais. Quanto ao envolvimento em redes materiais e virtuais, o que se pôde apreender na pesquisa foi que a participação do grupo se dá nas duas esferas, material ou presencial, a partir do envolvimento com outros grupos em encontros, intercâmbios e festivais; e virtual ou imaterial, a partir das redes sociais possibilitadas pelas tecnologias digitais e Internet. No entanto, as redes virtuais são mais enfraquecidas, pois os contatos são mais esporádicos, não se constituindo vínculos em longo prazo.

Sob esse mesmo aspecto, e no tocante aos processos de comunicação para mobilização comunitária, percebemos que o trabalho de convergência midiática desse ponto de cultura se revelou como possível estratégia utilizada para mobilização social, fornecendo fortes indícios de uma comunicação voltada para o fortalecimento do grupo e de afirmação de seu papel político na comunidade, no município e na região.

Considerações Finais

Os depoimentos dos participantes do xaxado Cabras de Lampião deixam claro que compreendem bem os objetivos de um Ponto de Cultura, ao justificarem a necessidade dessa interação com a comunidade, com a participação da família e *envolvimento de bairros, comunidades e toda a cidade*, num trabalho que permite o crescimento do município. Assim, apontam, ainda, para indícios da construção do desenvolvimento local, partindo da mobilização comunitária.

Essa articulação entre as comunidades favorece, ainda, a formação de redes locais. Quanto ao envolvimento em redes materiais e virtuais, o que se pôde apreender na pesquisa foi que a participação do grupo se dá nas duas esferas, material ou presencial, a partir do envolvimento com outros grupos em encontros, intercâmbios e festivais; e virtual ou imaterial, a partir das redes sociais possibilitadas pelas tecnologias digitais e Internet. No entanto, as redes virtuais são mais enfraquecidas, pois os contatos são mais esporádicos, não se constituindo vínculos em longo prazo.

Sob esse mesmo aspecto, e no tocante aos processos de comunicação para mobilização comunitária, percebemos que o trabalho de convergência midiática desse ponto de cultura se revelou como possível estratégia utilizada para mobilização social, fornecendo fortes indícios de uma comunicação voltada para o fortalecimento do grupo e de afirmação de seu papel político na comunidade, no município e na região.

Referências

BRASIL. Ministério da Cultura. **Plano Nacional de Cultura**: Diretrizes gerais. 2. ed. Brasília: MinC, 2008.

_____. **Programa Cultura Viva**. Brasília: Minc, 2011. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/culturaviva/cultura-viva/objetivos-e-publico/>. Acesso em 10 de agosto de 2011

CANCLINI, N. G. A Encenação do Popular. In: CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp,

2008

COGO, D. **A Comunicação cidadã sob o enfoque do transnacional.**

Intercom – Revista Brasileira de Comunicação. São Paulo, v. 33, n.1, p. 81-103, jan./jun 2010

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971

MARTIN-BARBERO, J. **Dos Meios às Mediações.** Comunicação, Cultura e Hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009

PERNAMBUCO – PLANO DE GESTÃO PERNAMBUCO NAÇÃO CULTURAL (2007-2010). Recife: Fundarpe, 2010

PERUZZO, C. M. K. O processo de participação na comunicação popular e comunitária. In: THORTON, R.; CIMADEVILLA, G. (orgs). **Usos y abusos Del participar.** Buenos Aires: Ediciones Inta, 2010

_____. Comunidades em Tempos de Redes. In: PERUZZO, C.M.K.; COGO, Denise; KAPLUN, Gabriel. (orgs). **Comunicación y movimientos populares: ¿Quais redes?**, Porto Alegre: Editora Unisinos, 2002. p.275-298

_____. **Comunicação Comunitária nos Movimentos Populares:** a participação na construção da cidadania. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998

RABELO, D. C. **Comunicação e mobilização social:** a Agenda 21 local de Vitória (ES). Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo, 2002

REIS, M. F., SANTANA, R. M. **Pontos de Cultura de Pernambuco:** fragilidades, parcerias e oportunidades. Trabalho apresentado no Seminário Internacional de Políticas Culturais: Teorias e Práxis, realizado entre os dias 22 e 24 de setembro de 2010, na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, Brasil

SERRA TALHADA, PE. Prefeitura Municipal. Disponível em: <http://www.prefeituradeserratalhada.com.br>. Acesso em 08 de setembro de 2011

TAUK SANTOS, M.S. **Igreja e Pequeno Produtor Rural:** a comunicação participativa no programa CECAPAS/SERTA. 1994. Tese. (Doutorado em Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994

TORO, J. B., WERNECK, N. M. **Mobilização Social:** um modo de construir a democracia e a participação. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004